

## UM DOCUMENTO SÓBRE OS RANCHOS DAS ESTRADAS PAULISTAS NOS FINS DO SÉCULO XVIII

MARIA THEREZA SCHORER PETRONE

Os ranchos construídos ao longo das estradas brasileiras têm uma importância extraordinária dentro do sistema de comercialização dos produtos agrícolas antes do advento das estradas de ferro. Serviam para abrigar pessoas e mercadorias das intempéries e forneciam condições mais ou menos razoáveis para pernoitar. Em São Paulo, eram dispostos ao longo das principais vias, de tal maneira que sempre se encontrava um depois de um dia de viagem; é o que se pode deduzir dos relatos dos viajantes estrangeiros que percorreram essa região no começo do século passado.

Em S. Paulo a cultura da cana-de-açúcar, que desde o governo de Morgado de Mateus (1765-1775) se desenvolve no planalto, vai dar origem a uma infraestrutura necessária para possibilitar a comercialização do açúcar. As estradas, é óbvio, são elementos de capital importância nesse contexto. A partir de Morgado de Mateus e especialmente de Bernardo José de Lorena (1788-1797), todos os governadores se preocupam em adequar o sistema viário do planalto e o caminho do mar à nova função para permitir um fácil escoamento da produção de açúcar de "serra acima" para o porto de embarque, e assim permitir que S. Paulo participasse das correntes de comércio internacional. A economia paulista, para se integrar na mundial, teve que vencer as dificuldades de transporte decorrentes da má conservação das estradas, das intempéries e dos problemas inerentes à descida da Serra do Mar. Nesse sistema viário os ranchos ocupam lugar de destaque, pois o açúcar era produto facilmente deteriorável em condições atmosféricas adversas.

O governador Antônio Manuel de Melo Castro e Mendonça, — e durante seu governo a lavoura da cana sofreu notável incremento em "serra acima"—, percebeu que a má qualidade do açúcar paulista era um óbice à exportação do produto. Açúcar mal preparado, exposto às intempéries em péssimas estradas onde existiam poucos ranchos chegava em mau estado a Santos. Esse governador deu especial atenção à construção de ranchos ao longo das "estradas do açúcar". Em sua Memória de 31 de janeiro de 1799 escreve o seguinte: "A falta de ranchos a onde se recolham os assucares de noite, ou nas occasioens de chuva tem sido hum grande estorvo ao Comercio. Os assucares com umidade abatem de valor, e esta hé huma das grandes cauzas do descredito em que está o assucar das Villas de Itu, S. Carlos, e outras que vão pela Villa de Santos. Este mal esta remediado, pois

que se tem no meu tempo principiado a construir Ranchos como se vê da planta, em os quais já recolhem os Condutores, as suas cargas, livres do perigo e cada Rancho esta situado ao pé de hum ribeiro, e de hum pasto aonde ficam as Bestas e tem sempre ao pé hum morador, que serve, como de guarda do Rancho" (1). Os ranchos construídos pela administração eram chamados de reunos.

Além de algumas descrições de viajantes do século passado, temos poucas informações sobre como eram esses ranchos construídos nas "estradas do açúcar". Trata-se geralmente de descrições mais ou menos vagas, referindo-se ao material empregado na sua construção, à má conservação ou aos insetos que os infestavam. Faltam especificações mais detalhadas sobre tamanho, divisões, tipo de construção etc. Daí a importância do documento existente no Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, que ora publicamos. Além de uma "Relação dos lugares em q' se devem fazer os Ranchos p<sup>a</sup> Repouso dos Condutores de açúcares da V<sup>a</sup> de Ytú e Freg<sup>a</sup> de Araraya até o pôrto de Santos, segundo a insinuação dos mesmos", contém um bellissimo desenho de fachada e planta de um rancho e uma descrição da construção dos mesmos. O documento, datado de 18 de julho de 1797, é assinado por Vicente da Costa Taques Goes e Aranha, capitão-mor da vila de Itu (2). Planta e desenho são muito bem feitos, apresentando um bonito colorido. Dão uma visão perfeita como os condutores desejavam que fossem construídos os ranchos e quais os requisitos necessários para poderem abrigar o açúcar. Foram condutores de Itu e de Pôrto Feliz, antigamente Ararituaba, que sugeriram ao capitão-mor Vicente da Costa a feltura e o aspecto dos ranchos. O fato de a iniciativa ter partido das pessoas diretamente ligadas ao transporte do açúcar, confere à "Relação" e aos esboços real valor, pois documentam como os tropeiros imaginavam um rancho ideal.

O rancho seria composto por duas partes, separadas por uma parede e intercomunicando-se por uma porta. O compartimento à esquerda teria o oitão fechado até em cima e meia parede na frente com portelras que permitem o acesso de fora. Seria a parte destinada a abrigar os tropeiros que aí podiam descarregar os animais e fazer suas cozinhas. O outro compartimento seria inteiramente fechado, comunicando-se por uma porta com o outro. Aí seriam guardadas as mercadorias sobre estivas dispostas ao longo das paredes para evitar que a umidade prejudicasse o açúcar. Segundo o rascunho da planta do rancho, que está anexado ao documento, o compartimento para guardar o açúcar teria 35 palmos em quadra, ao passo que o outro seria um retângulo de 35 por 45 palmos (3). Pela planta principal e pela descrição ambos os compartimentos teriam 30 palmos em quadra.

Os condutores, percebendo que em geral os ranchos duravam muito pouco devido às deficiências na construção, sugerem ao governador que fossem feitos de taipa de pilão e cobertos de telhas. Na realidade, aparecem durante todo período em que predominou a lavoura canavieira frequentes queixas contra a má conservação dos ranchos. Constantemente tinham que ser reconstruídos, acarretando grandes despesas à administração que recorria, não raro, a taxas especiais para esse fim. Para a construção desses ranchos que Taques Goes e Aranha orça em 50\$000 réis, os condutores de Itu e Pôrto Feliz oferecem à administração

(1) Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo, n.º 29, pp. 114-115, Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, S. Paulo, 1899. Para mais informações, ver nosso trabalho *A Lavoura Canavieira em S. Paulo*, S. Paulo, Difusão Européia do Livro, 1968.

(2) Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, TC, 14-2-6. Essa «Relação» constitui a parte final da «Relação dos reparos, concertos, pontes, estibas, aterrados, e atalhos, q' se devem fazer no caminho desta V<sup>a</sup> de Ytu ao Porto de Santos, para comodamente transitarem as tropas, q' p<sup>r</sup> elle versão, orçada a racional despesa pelos q' respectivamente a devem fazer».

(3) 35 palmos em quadra corresponde a um quadrado cujos lados têm 35 palmos. Um palmo equivale a 0,22 m.

10 réis por cada bēsta de carga ou montaria tōda vez que passarem pelo registro. Além disso, sugerem treze locais onde desejavam ranchos (4).

Parece que a petição dos tropeiros teve resultados, pois temos notícias sōbre a construção de uma sērie de ranchos pela administração durante o govērno de Melo Castro e Mendonça e de seu sucessor Franca e Horta.

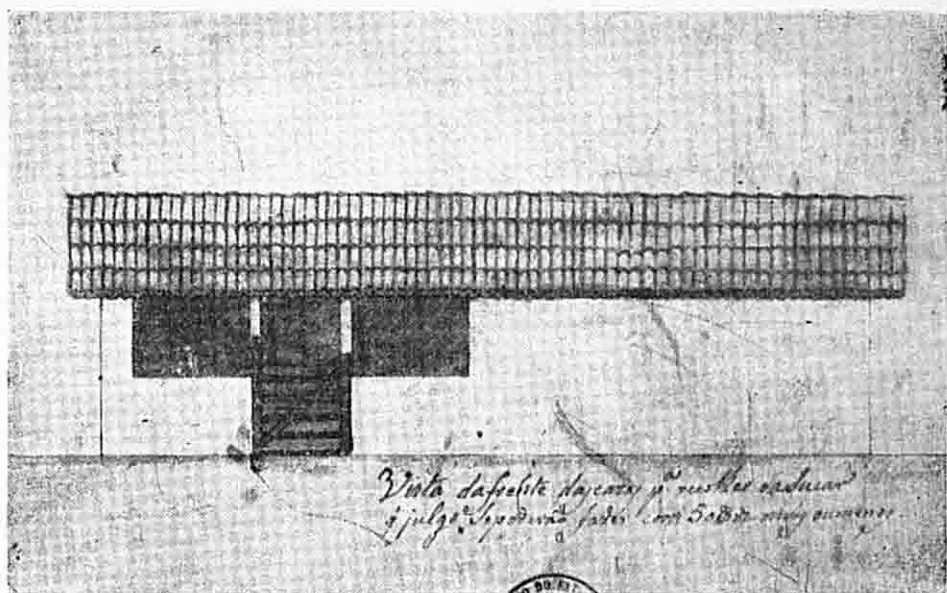
**Relação dos lugares, em q' se devem fazer os Ranchos p<sup>a</sup> Repouzo dos Conductores dos açucares da V<sup>a</sup> de Ytu e Freg<sup>a</sup> de Ararayt<sup>a</sup> até o porto de Santos, segundo a insinuação dos mesmos.**

- 1 Rancho em o Ribeyro Penunduba entre a referida V<sup>a</sup> e Freg<sup>a</sup>
- 2 Em o Ribeyrão Pirapitingul da parte daquem.
- 3 No lugar do Rancho velho, q' fez o Sarg<sup>to</sup> Mor Carlos B<sup>meu</sup> de Arruda
- 4 Na varge, aonde morou o falecido Gonçalves da Costa e ficão quatro Ranchos no termo de Ytú
- 5 Na varge da parte dalem do morro de Aputrebu, termo de Parnayba
- 6 No Barreyro junto a Casa de telha, q' ali se acha contigua a estrada, termo de Parnayba
- 7 No Baruerl de frente a Casa de morada, q' tãobem ali se acha, termo de Parnayba, e ficão neste tres Ranchos
- 8 Em Urusocava p<sup>a</sup> a parte daquem, termo de S. Paulo
- 9 No Lugar do Molinho velho
- 10 No lugar dos Meninos velhos
- 11 No Rio grande da parte dalem, aonde já se acha hũ Rancho, e de Ordinario Tamanho
- 12 No rio pequeno da parte daquem
- 13 No Rio das pedras da parte daquem

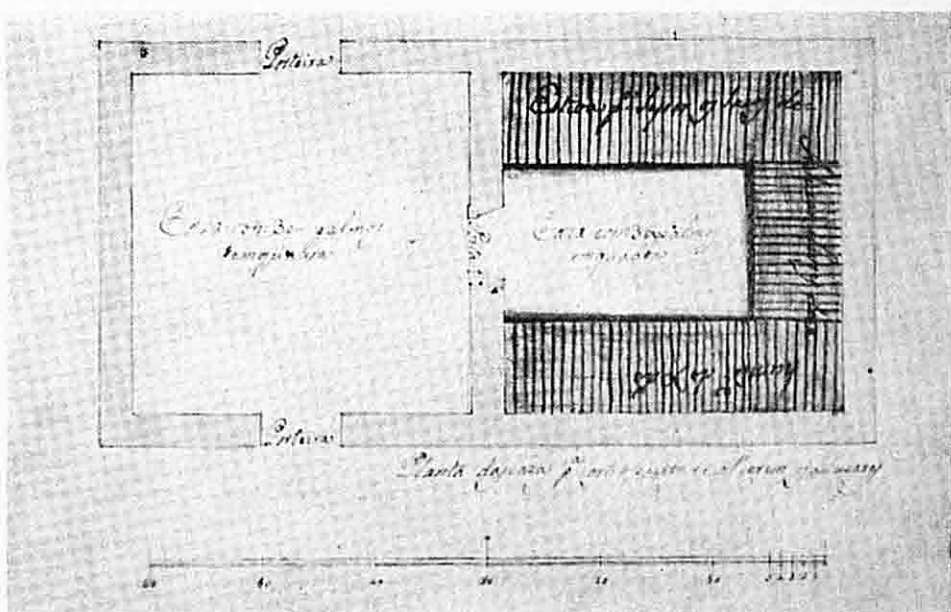
Dizem os mesmos Conductores q' cada Rancho deve ter sessenta palmos de cumprido e trinta de largo dividido em duas metades, hũa feixada té acima com estibas na quadra interior das paredes, p<sup>a</sup> nellas se guardarem as Cargas, e outra com a parede do outão até acima, e nas frentes meya parede com duas portelras seguidas no meyo, p<sup>a</sup> nesse lanco descarregarem as tropas, e fazerem as sus cuzinhas: e q' p<sup>a</sup> total duração dos Ranchos devem ser feltos de talpa de plão, e cubertas de telha, conforme a planta, q' aesta acompanha, e na mesma vai a importância de cada Rancho. Dizem ultimamente os ditos Conductores q' o melhor modo de conduzir os açucares hé o mesmo até aqui praticado, em sestos bem forrados com sapé seco e bem enxuto. Estas são as especificas declaraçoens dos refer<sup>os</sup> Conductores, a q' me reporto. Ytú 18 de julho de 1797

Vicente da Costa Taques Goes e A<sup>a</sup>

(4) Em 1800 os conductores de Itu voltaram a oferecer um donativo de 200 réis para a construção de ranchos naquele distrito (Departamento do Arquivo..., TC, 55-2-34, carta de 18 de agosto de 1800).



Vista de frente dos ranchos que deveriam ser construídos conforme pedido dos condutores de açúcar de Itu e Pôrto Feliz.



Planta dos ranchos para guardar açúcar, que deveriam ser construídos ao longo das estradas, por sugestão dos condutores em 1798.